

CRÍTICA / FILME / FALE COMIGO

A mão que balança a tela

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Depois do fenômeno “Tudo em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo”, laureado com o Oscar de Melhor Filme lá em 2023, cresceu a procura por longas-metragens com a estética TikTok, ou seja, cortes mais rápidos do que o Flash, com viradas de roteiro a cada segundo, porém com atenta concentração dedicada a dilemas juvenis. São novos (os) tempos. Com eles nascem novas linhagens de se narrar, o que abre espaço para produções de pequeníssimo porte, como o terror anglo-australiano “Fale Comigo” (“Talk To

Me”), brilharem. Orçado em cerca de US\$ 4,5 milhões, esse thriller sobrenatural teve um faturamento de US\$ 92 milhões mundo afora, além de ter conquistado vitrine nobre na programação da Berlinale, na capital alemã.

É possível conferi-lo em tela no Rio, neste sábado, às 18h, no Festival de Cinema Australiano, no CineCarioca José Wilker, em Laranjeiras. No mesmo dia tem “Better Man”, às 14h. No domingo, rolam “Casamento Australiano” e “Furiosa: Uma Saga Mad Max”.

O evento é seminal para o entendimento das estéticas do chamado Novíssimo Mundo, pátria de Peter Weir, de Jennifer Kent,



Ao apertar a mão do demo, uma jovem acaba condenada ao tormento do Além no longa ‘Fale Comigo’

de Shannon Murphy, de Justin Kurzel. Não se abrem as veias estéticas de uma nação ignorando suas investidas em filões de gênero. Daí a presença, mais do que sabia, de “Talk To Me”, um estudo sobre comunicações profanas com mortos, estruturado sob a direção dos

YouTubeiros (e gêmeos) Danny e Michael Philippou. Eles não se avexam de usar jump scares, a técnica histórica (hoje patrulhada pelo mimi do politicamente correto) de fazer a plateia saltar das cadeiras ao topar com o Demo – ou assassinos armados.

O elemento que causa medo na trama rodada pelos irmãos Philippou é uma estatueta em forma de mão. Trata-se de um patuá supostamente produzido a partir de um pu-

nho embalsamado. Quem a aperta e diz o imperativo “Fala comigo” abre um portal para espíritos, quase sempre maus. O erro da jovem Mia (vivida pela ótima Sophie Wilde) é fazer esse ritual sem ter feito as pazes com seu inconsciente acerca da morte misteriosa de sua mãe. O que vai sair das incursões dela ao Além é tenebroso, e clama por sangue. Trata-se de uma eletrizante atualização dos códigos do horror juvenil, com uma edição enervante.

CRÍTICA / FILME / CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ!

Algemas do riso

Autêntico Didi Mocó do combate ao crime, o policial Frank Drebin Jr. tem o intestino frouxo. Solta pum em horas solenes e não segura a barriga quando está em diligências pelas ruas. O lado scatológico de sua cruzada contra o crime poderia tornar “Corra Que A Polícia Vem Aí!” (“The Naked Gun”) um fedorento exercício de mau gosto, mas, diante da patrulha moral que sucateou a comédia, nos Estados Unidos, suas imposturas podem muito bem ser lidas como um ato de rebeldia.

Seu diretor, Akiva Schaffer

(egresso de “Tico e Teco: Defensores da Lei”), consegue fazer de uma narrativa curtinha – tem 1h25’ – uma apoteose para incorreções políticas, sem jamais resvalar no desrespeito. É livre... e leve..., mas tem responsabilidade.

Liam Neeson, seu protagonista, não estaria ali se não houvesse atenção às urgências sociais da arte, e ele se esbalda... e nos esbalda de rir. Dublado com genialidade por Armando Tiraboschi, o ator irlandês faz jus ao “Corra...” original, de 1988, com o gaiato Leslie Nielsen (1926-2010), que pode



Paramount Pictures

Frank Drebin Jr. (Neeson) e a escritora Beth (Pamela Anderson) temperam um peru nas sequências de duplo sentido de ‘Corra Que a Polícia Vem Aí’

ser visto na Netflix. As partes II (1991) e III (1994) tão lá.

Leslie aparece num retrato. É o pai de Drebin Jr. Esse tira trapalhão anda na cola de um assassinato suspeito, que pode estar associado a um clube para milionários do magnata Richard Cane (Danny Huston). Existe uma trama de

Cane em curso, para manipular o humor da população, ampliando o que existe de animalesco no povo, de modo a produzir assassinos.

Esse complô vai sendo revelado conforme o personagem de Liam segue a irmã do morto, a escritora Beth Davenport, papel que extrai uma atuação inspirada de

Pamela Anderson. Há uma química covalente contagiante entre ambos, sobretudo na sequência em que um bandidão espia os dois de longe.

Entre galhofas nada comportadas, o longa abre uma discussão sobre valores heroicos perdidos, com Liam a brilhar. (R.F.)